

**EDUCAÇÃO ANTIRRACISTA E IDENTIDADE:
o impacto da representatividade de personalidades negras no ambiente escolar**

**ANTIRACIST EDUCATION AND IDENTITY:
the impact of representation of black personalities in the school environment**

Guilherme Versiani Costa Penna¹
Bruno Fernando Gomes dos Santos de Paula
Rayanni de Souza Ribeiro
João Vitor de Oliveira Senna

INTRODUÇÃO

O racismo, enquanto fenômeno estrutural e histórico, atravessa todos os espaços da vida social, incluindo o escolar. No Brasil, marcado por séculos de escravização e exclusão, o sistema educacional carrega heranças coloniais que se refletem no currículo, nas relações e nas formas de ensinar. A escola, por sua função formadora, pode tanto reproduzir desigualdades quanto atuar como espaço de resistência e transformação. A Lei n. 10.639/03 constitui-se em marco fundamental ao tornar obrigatório o ensino da História e Cultura Afro-Brasileira e Africana. No entanto, sua implementação enfrenta obstáculos, como a falta de formação docente, resistências institucionais e a permanência de narrativas eurocêntricas que silenciam saberes negros e indígenas. Como lembra Paulo Freire (1970), todo ato educativo é político, e ensinar significa criar condições para que os sujeitos se reconheçam como protagonistas de sua história. Pensar a educação das relações étnico-raciais vai além da inclusão pontual de conteúdos. O antirracismo, como afirma Bárbara Carine (2023), é uma escolha pedagógica e política que exige romper com o eurocentrismo e valorizar epistemologias afro-brasileiras. Nesse cenário, a representatividade de personalidades negras torna-se estratégia central: possibilita a construção de identidades positivas, fortalece a autoestima dos estudantes e promove uma educação comprometida com a equidade racial.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A escola ocupa papel central na construção das identidades, mas também pode reforçar desigualdades. Como observam Oliveira e Silva (2009), o currículo não é neutro: ele seleciona e legitima determinados saberes em detrimento de outros, silenciando

¹ gpenna@tutanota.com ; PUC Minas Campus Coração Eucarístico

grupos historicamente marginalizados. No caso da população negra, esse silenciamento tem raízes em um longo processo de estigmatização, em que teorias raciais, desde o século XIX, associaram o corpo negro à inferioridade (Fernandes; Souza, 2016), marcas que atravessam até hoje as relações sociais e educacionais. Essas marcas se expressam de forma concreta no cotidiano escolar. A ausência de referências negras nos conteúdos, nos materiais didáticos e no corpo docente gera o que Santos (2020) denomina apagamento identitário, comprometendo a autoestima e a valorização da identidade negra. Por outro lado, experiências pedagógicas que introduzem referências positivas demonstram impacto imediato, fortalecendo o pertencimento e a construção de uma autoimagem afirmativa. Foi diante desse cenário que se promulgou a Lei n. 10.639/03, marco legal que buscou responder à lacuna curricular ao tornar obrigatória a inclusão da História e Cultura Afro-Brasileira e Africana. Contudo, como ressaltam Oliveira e Silva (2009), a simples inserção de conteúdos não é suficiente: é necessário repensar metodologias e práticas pedagógicas de forma crítica, rompendo com narrativas eurocêntricas que reduzem a experiência negra à escravidão, desconsiderando sua agência histórica, cultural e política. Nesse ponto, o ensino de História assume papel estratégico, pois lida com narrativas, temporalidades e identidades. Um ensino comprometido com perspectivas antirracistas pode valorizar a ancestralidade africana e afro-brasileira e, ao mesmo tempo, desconstruir visões hegemônicas que naturalizam desigualdades. Holanda (2020) reforça que esse ensino não deve se restringir a ações esporádicas ou datas comemorativas, mas constituir prática constante, capaz de evidenciar o negro como sujeito ativo de sua trajetória. Assim, a luta antirracista na escola deve ser entendida como tarefa coletiva e cotidiana, atravessando currículo, práticas e relações sociais. Como defende Nilma Lino Gomes (2003), a identidade negra também se constrói na escola, em meio a tensões e silenciamentos, o que reforça a urgência de formar professores críticos e preparados para enfrentar o racismo em suas múltiplas expressões.

METODOLOGIA

A pesquisa aqui apresentada caracteriza-se como de abordagem qualitativa e de natureza bibliográfica, fundamentada em referenciais teóricos que discutem educação antirracista, identidade e representatividade negra no contexto escolar. Segundo Gil (2008), a pesquisa bibliográfica permite o aprofundamento crítico a partir da análise de produções já sistematizadas, possibilitando compreender como o tema tem sido abordado

em diferentes perspectivas acadêmicas e normativas. O *corpus* de análise foi composto por obras de autores e autoras de referência nos estudos das relações étnico-raciais, como Nilma Lino Gomes (2003), Kabengele Munanga (1999), Sueli Carneiro (2011), Djamila Ribeiro (2017) e Bárbara Carine (2023), além de documentos oficiais como a Lei 10.639/03 e as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais (2003). Também foram considerados estudos contemporâneos que investigam o impacto da representatividade no ambiente escolar (Santos, 2020; Holanda, 2020; Oliveira; Silva, 2009). Portanto, trata-se de uma pesquisa de caráter crítico-interpretativo, cujo objetivo não é oferecer respostas definitivas, mas contribuir para o debate acadêmico e pedagógico acerca da educação antirracista e do impacto da representatividade na construção das identidades no ambiente escolar.

DISCUSSÃO E/OU RESULTADOS

Os resultados das análises revelam que a representatividade de personalidades negras no espaço escolar é uma estratégia essencial para a consolidação de uma educação antirracista e para o fortalecimento da identidade negra. A ausência de referências positivas gera apagamento identitário (Santos, 2020), enquanto sua presença promove autoestima, pertencimento e equidade. No campo da História e da Literatura, o uso de personalidades como Zumbi dos Palmares, Dandara, Carolina Maria de Jesus e Machado de Assis permite que os estudantes reconheçam sujeitos negros como protagonistas da construção do Brasil. Como defende Nilma Lino Gomes (2003), a identidade negra também se constitui na escola, e a inclusão dessas figuras contribui para ressignificar memórias e desconstruir estigmas. Em projetos pedagógicos que trabalham a estética e a corporeidade negra, práticas como rodas de conversa sobre cabelo afro, oficinas de turbante e debates sobre representações midiáticas ajudam a enfrentar padrões de beleza excludentes. Sena (2016) mostra que atividades que valorizam pele e cabelo promovem orgulho e reduzem estereótipos, alinhando-se à reflexão de Sueli Carneiro (2011) sobre a luta contra a desumanização dos corpos negros. Na perspectiva da didática inovadora, materiais pedagógicos alternativos — como jogos, cartas colecionáveis e produções artísticas — têm demonstrado impacto positivo. Silva (2020), ao propor cartas sobre personalidades negras como Ádria Santos e Benedita da Silva, exemplifica como recursos lúdicos ampliam o interesse dos alunos e reforçam o sentimento de pertencimento. Essa prática dialoga com Djamila Ribeiro (2017), para quem a representatividade não é mero

símbolo, mas um mecanismo de reconhecimento social. Por fim, é imprescindível a formação docente crítica. Bárbara Carine (2023) afirma que ser antirracista é uma escolha pedagógica e política, que exige romper com currículos coloniais e valorizar epistemologias afro-brasileiras. Isso significa que o trabalho com personalidades negras deve ser transversal, não restrito a datas comemorativas, mas integrado às disciplinas e ao cotidiano escolar. Dessa forma, os resultados confirmam que a representatividade de personalidades negras atua como ferramenta pedagógica de transformação: amplia horizontes, fortalece identidades e ressignifica a experiência escolar. Seu impacto vai além da visibilidade, produzindo práticas de equidade racial que consolidam a escola como espaço de resistência, pertencimento e emancipação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A representatividade de personalidades negras no ambiente escolar constitui-se como ferramenta pedagógica essencial para a consolidação de uma educação antirracista e para o fortalecimento da identidade negra. Mais do que garantir visibilidade, significa promover pertencimento, autoestima, reconhecimento histórico e valorização cultural. Ao inserir referências negras no currículo, nas práticas e nas metodologias, a escola assume papel transformador, equânime e emancipador.

Palavras-chave: História afro-brasileira; Práticas pedagógicas; Protagonismo negro;

REFERÊNCIAS

BRASIL. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais**. Brasília: MEC/SECAD, 2004.

BRASIL. Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 10 jan. 2003.

CARINE, Bárbara. **Como ser um educador antirracista**. São Paulo: Planeta do Brasil, 2023.

CARNEIRO, Sueli. **Racismo, sexismo e desigualdade no Brasil**. São Paulo: Selo Negro, 2011.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1970.

GOMES, Nilma Lino. Educação, identidade negra e formação de professores/as. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 29, n. 1, p. 167-182, jan./jun. 2003.

MUNANGA, Kabengele. **Rediscutindo a mestiçagem no Brasil: identidade nacional versus identidade negra**. Petrópolis: Vozes, 1999.

RIBEIRO, Djamila. **O que é lugar de fala?** Belo Horizonte: Letramento, 2017.

SANTOS, T. A. Quando a representatividade importa: reflexões sobre racismo, valorização identitária negra e Educação Básica. **Revista Educação & Linguagem**, v. 23, n. 1, p. 145-162, 2020.

SENA, Lucimeire Cordeiro de. A construção da identidade da criança negra no espaço escolar atravessado pela branquitude. *In*: SILVA, Petronilha Beatriz Gonçalves; GOMES, Nilma Lino (org.). **Educação das relações étnico-raciais: desafios e possibilidades**. Belo Horizonte: Autêntica, 2016.

SILVA, Érika Ferreira. **Caixa preta: cartas colecionáveis sobre personalidades negras**. 2020. Trabalho de Conclusão de Curso (Tecnologia em Design Gráfico) – Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Curitiba, 2020.

SOUZA, Maria do Socorro Ferreira de. **A mediação da escola na construção da identidade negra nos alunos de ensino fundamental na Escola Frei Herculano**. 2017. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Pedagogia) – Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2017.

VASCONCELOS, Cristiane; OLIVEIRA, Janine. História e formação docente: a sala de aula como lugar de transformação. **Revista Educação, Cultura e Sociedade**, v. 10, n. 1, p. 45-58, 2020.